

- Conferência em Memória do Ericeirista dr. Saldanha Sanches

- Auditório da Casa da Cultura Jaime Lobo e Silva – dia
16.04.11

“Do Homem na Ericeira Com a Ericeira na Cabeça”

Maria José Morgado

- Introdução - José Luís

Em meu nome, da Laura, das mães, a minha e a tua, de toda a família e dos amigos presentes, agradece-vos esta comovente homenagem.

A memória é o que há de mais volátil e mutável.

Homenagear a memória de alguém pode ser uma festa, uma cerimónia, um simbolismo de ideias ou uma luta contra o tempo.

Gostaria que esta memória de hoje, associada a este lugar –Ericeira, fosse uma memória reprodutiva e não meramente narrativa na ingrata luta contra o tempo.

Gostaria que não fosse uma recordação mas uma atitude.

Porquê?

Vou tentar explicar.

Quando preparava esta intervenção encontrei uma entrevista do Zé Luís, em Fevereiro de 2006, sobre corrupção e fraude fiscal.

Título: “Portugal nos cuidados intensivos”.

Cito algumas afirmações dele: ***“Portugal é um País que até podia construir um museu sobre como gastar estupidamente o dinheiro do contribuinte”***.

“Há um peso muito grande do Estado na economia e isso cria relações incestuosas entre políticos e grandes empresas, que são um factor latente de corrupção e de tráfico de influências”.

Pergunta o entrevistador:

“Depois do que disse nesta entrevista consegue definir o país numa única frase?”

José Luis: ***“Portugal ainda não saiu dos cuidados intensivos”***.

Cinco anos depois descobrimos a verdadeira dimensão desta frase.

Tinha esse condão de ver longe. Não tinha nenhuma bola de cristal, mas esgotava tudo quanto havia para ler e estudar o que lhe dava uma extraordinária capacidade de projecção.

Ficou conhecido pelas suas intervenções combativas contra a corrupção, mas a vida do Zé Luis foi muito mais do que isso.

Depois de ter abandonado a militância partidária no ano de 1975, acabou o curso e dedicou-se à Universidade e ao ensino do direito Fiscal.

Julgo que teve o mérito de ser pioneiro no estudo das consequências fiscais da má gestão dos dinheiros públicos, dos instrumentos políticos potenciadores de fraude económica e da corrupção, dos malefícios do sigilo bancário e dos efeitos de um modelo fiscal incapaz de proteger a igualdade dos contribuintes e os interesses financeiros do Estado. Essa foi a sua descoberta muito avançada e fatal.

Nunca se perdeu em ninharias e tinha a vantagem de uma enorme espiritualidade que o fazia desprezar a mesquinhez do dinheiro fácil. Que lhe dava combatividade e desprezo pela resignação. Gozo em arriscar.

Por isso eu falo em memória reprodutiva e não narrativa.

Sermos capazes de uma acção semelhante, cada um de nós à sua maneira. Sermos capazes de liberdade e honestidade. Sermos capazes de felicidade com sabedoria sem egoísmos de espécie nenhuma.

Sermos capazes de combater a resignação do fado português.

Ao pensar na morte do Zé Luis, parece-me muitas vezes uma tarefa impossível manter a divulgação das suas ideias; é como impedir que se apaguem as pegadas na areia de uma praia.

Mas hoje, os que tiveram esta iniciativa e os que estão aqui presentes estarão a consegui-lo, de certa forma.

Por isso lhes estou especialmente grata. Por causa da tal memória reprodutiva.

Num lugar que reproduz aquilo que ele tinha de espiritual, de hedonista e lutador.

Não quero falar hoje de corrupção.

Vai fazer um ano a 14 de Maio que o Zé Luís nos deixou prematuramente.

Perdida na solidão dum ausência sempre contraditória com uma terra onde o encontro em cada esquina, permito-me ler-vos um pequeno texto imaginário dos últimos três dias do Zé Luís no hospital onde morreu.

Perdoem-me a comoção.

É ele que vai falar.

Mar

Um lugar sem tempo

É Maio. Um vento triste misturado com um sol brilhante enche os dias que se adivinham lá fora. Muito longe. É tentador senti-los na recordação funda da vida dissolvida nos lençóis brancos do hospital ou na forma como ela me pouso os jornais abertos na cama, enquanto os lê em voz alta numa transfusão secreta de afectos e vontades, na vida imaterial desenhada no papel, com o gosto amargo de cama de hospital.

O tempo deixou de ser tempo, enquanto olho para o relógio não para saber uma hora qualquer mas na medição impossível da distância a instalar-se entre as coisas e as pessoas lá fora. Um relógio de saudade, feito de ofício de muito trabalho, agora guardado no mais profundo das entranhas. Depois, de forma inexplicavelmente leve a imagem do mar muito azul, a entrar pelo quarto dentro, a rodear a cama 56 do serviço de cirurgia I do hospital de Santa Maria.

O mar imenso, solitário e antigo que se desenrolava outrora nas ondas agitadas da vida e revejo agora numa imensidão de areia rodeada de arribas altas, inacessíveis, com as gaivotas lá em cima a espreitarem a maré. A maré sobe e desce várias vezes ao dia, deixa a areia húmida, a nortada agreste traz-me o desejo do gin tónico macio ao entardecer, na languidez dos longos fins de tarde de leituras e conversas pequenas e intensas. Os barcos vão chegando a terra como brinquedos a balouçar nas ondas, bebo barcos com gin tónico, pouco importa, há muito que ler antes que a escuridão se instale lá em cima no terraço. Será que está

vento sul, vê lá a direcção da bandeira na praia, é um vento morno, traz andorinhas, não vês. A vida, assim fechada num fim de tarde luminoso, num travo sem nome, naquele porto sem desembarque.

A enfermeira aproxima-se paciente, “ Senhor José Luís, há uns tubos para pôr aqui, vai ter um bocadinho de paciência, vai doer um bocado, mas já passa”. Não, não dói nada, o que há-de custar, estou junto às ribas a contemplar o infinito, a beber o azul do mar que se me desfaz nas estranhas, nada tem importância para além do que está feito e é passado. Nem as horas representam jamais a disciplina das metas a atingir, sobram como ponteiros soltos medidores da dignidade, no tiquetaque do coração reflectido nos aparelhos clínicos, na coragem compassada das horas espessas da morte a aproximar-se.

Preciso de ver o nascer do sol, não puxes o estore, o nascer de cada dia na última batalha a vencer. A batalha de enfrentar a morte de olhos abertos, sem lamúrias, com bonomia e afecto. Enfrentar a morte embalado pela lembrança da luz cintilante, esplendorosa de ruas brancas, com as suas casas brancas em carrossel com a surpresa do mar ao fundo – à mistura com as batas brancas das enfermeiras, as paredes brancas do quarto, a cama branca, a teeshirt branca acabada de vestir lavada sobre a pele fina a rasgar-se, o tempo branco da doença que esmaga, afinal.

A luz branca. Um pouco como tudo aquilo que tinha amado na vida. Claridade. Força. Risco. Luta na conquista de objectivos e nunca resignação. Disciplina férrea mitigada de sensualidades físicas e espirituais. Verdades incandescentes cultivadas com de forma divertida e meiga. O amor. O saborear do deslizar terno do tempo descontraído

dos jantares a dois ou com os amigos nas noites frescas do Verão acolhedor da Ericeira.

O oxigénio da máscara cada vez mais forte. A aceleração crescente do aparelho medidor das pulsações. O coração bate-me com o cheiro a maresia a refrescar-me a pele dorida e fina num súbito alívio das queimaduras do sol intenso. Talvez seja isso.

Lembro-me. Tínhamos começado a namorar há muito pouco tempo.

Tinha acabado de cumprir a pena de seis anos de prisão em Peniche, levei-te a conhecer a Ericeira, onde rodopiamos um dia inteiro a espreitar o azul do mar através das nesgas de ruas estreitas, a descer a encosta do Algodio, a respirar a liberdade fresca e forte como a nortada imparável.

A família Sanches vinha a banhos desde que tinha nascido por causa do iodo para as crianças. O vício ficou. Vínhamos todos os anos numa liturgia de colchões e panelas na camioneta da fábrica do pai, brincávamos toda a manhã na praia, andávamos nos rochedos na maré vazia, fugíamos das ondas na maré cheia, à tarde cirandávamos de patins no Parque de Santa Marta, comíamos gelados e dormíamos estafados toda a noite.

A Gina, a minha irmã mais velha deixou-nos prematuramente no Verão anterior. Da mesma forma, no mesmo sítio, talvez a sonhar também com o mar da Ericeira na cama deste hospital. Vou ter o mesmo destino. É preciso apressar o Verão que não existe, dar tudo por terminado, ler os livros todos, despejar as malas e malas de livros que levo sempre para as férias.

Lembro-me de quando começamos nós próprios a vir também para a Ericeira. Depois do nascimento da Laura, há mais de 34 anos. Que livros

trouxe nesse primeiro Verão de pai? Não consigo lembrar-me. Queria dar raízes à Laura, um lugar para amar e repetir porque a vida é feita de lugares que se modelam e de rituais que nos dão alma e saber. Eram tempos dourados em que descíamos com a criança a correr pelas escadaria íngreme de São Sebastião, com o vento gelado a cortar-nos a pele e a respiração, o coração ofegante a encontrar o mar lá muito em baixo, o mar bravo e forte como de costume. O mar tentador e ameaçador de S. Sebastião. A praia ainda selvagem, deserta e imensa, por onde corríamos de braços abertos para um mundo tão irreal quanto possível. À noite sonhávamos com as estrelas e éramos simplesmente felizes.

Voltamos aos versos de Sofia de Melo Breyner,

Antologia do “Mar”

“Para ti eu criarei um dia puro.”

“Livre como o vento e repetido”

“Como o florir das ondas ordenadas”.

Na atmosfera asséptica do quarto do hospital sinto que fui feliz na vida, que fiz tudo aquilo que quis e que não deixei nada por fazer. Quero ainda que saibam o quanto vos amo.

Mudam a enorme seringa posta à cabeceira da cama ligada a uma agulha enterrada na artéria femoral da coxa esquerda ligada directamente ao coração. Uma agulha em forma de borboleta na ponta.

É preciso procurar uma sombra qualquer que me aplaque o ardor dos segundos, conhecemos um sítio bom para isso. A singela capelinha de São Sebastião, com a sua planta hexagonal, a extravagante cúpula em gomos, faz uma sombra deliciosa da parte da tarde, do lado sul. Escondemo-nos aí encostados à frescura da cal da parede, não sei se me estás a ouvir, se te lembras da sensação de espreitar para dentro da capela e descansar o olhar na penumbra dos azulejos azuis e amarelos e ouvir o mar lá longe. Talvez aí a morte não me encontre. É um sítio tão eterno e resplandecente.

Mas não. Sei que é irremediavelmente tarde. Tenho dentro de mim as horas de contemplação infinda dos barcos a chegar a terra, um a um, por entre as folhas dos livros, os barcos a atravessarem-me o coração numa dor aguda em qualquer lado, foi só um barco, não é nada.

Vem lá de baixo o rumor bravo das ondas altas numa recordação quase mitológica. Não quero areia. Só umas braçadas na água quanto mais gelada, melhor. O resto do dia embalado pelas marés com livros e pelos livros com as marés, com o sabor a sal no ar e a harmonia da felicidade a embrulhar-nos nas folhas de papel cefolane das nuvens do nevoeiro.

Uma vez dançamos a noite inteira no arraial da festa da Nossa senhora da Boa Viagem. Lembro-me do incrível brilho do luar reflectido nas águas escuras da praia, como se estivesse dentro do quadro da Paula Rego, “O Baile”.

A enfermeira tem que mudar a seringa. Não custa nada. É fácil, não dói nada. Continuo a circular rodopiante ao som da música do arraial dentro do quadro da Paula Rego, na ténue separação entre a fantasia e a realidade. Bailamos loucamente agarrados naquela noite simbólica da

perpétua mudança da vida, na essência da continuidade fugidia, enquanto pensamos agora nas pessoas de quem gostamos muito, na filha, na Ericeira e no próximo Verão impossível. Sou feito de átomos que se desfazem no orvalho das ondas que chegam até ao quarto.

A cama é um barco a afastar-se docemente de terra, cada vez mais. Os olhos fechados guardam a maresia. As correntes fortes da maré viva puxam-me para cada vez mais longe. O mar está muito cheio, em criança o banheiro sempre me tinha avisado do cuidado a ter com as correntes. Não consegues, vais ter que me deixar ir assim. As horas caem fluorescentes. Há traineiras a regressar, mas nenhuma pode trazer-me.

“Quando eu morrer voltarei para buscar os instantes que não vivi junto do mar” (Sofia de Melo Breyner, antologia “Mar”).

Lembras-te? Gosto do desprendimento físico e material que me inspiram estes versos. Fazem-me sonhar. Repito-os no mistério e na harmonia paradoxal das coisas que pensava ter construído e que agora me surgem como pegadas nos ventos de areia. Alguém as voltará a marcar?

Escurece. Um nevoeiro intenso cobre tudo. O nevoeiro denso e salgado a deixar-nos na alma aqueles pensamentos misteriosos. O barco a levar-me para cada vez mais longe. Ninguém consegue resistir às correntes daquele mar cheio. Não te sinto, onde estás? Talvez tu não existas também.

As pulsações a descerem cada vez mais no aparelho cadenciado, até o teu corpo cair com a leveza de um lenço na areia. E um enorme silêncio te cobrir.

Assim eu te vi partir.

Provavelmente o mar levou-te enquanto no terraço fitávamos o tempo impessoal e livre. Naquele mesmo sítio mágico sem darmos conta, já não éramos nós dois. Lembras-te se havia gaivotas no terraço? Lembraste do mar cheio de Setembro, o mar das marés vivas que tu adoravas?

Depois de tudo isto, quando olho para o lado e não te vejo, quando falo contigo e não te ouço, quando chego a casa e não te encontro,

Volto ao poema de Sofia da mesma antologia “Mar”

“Espero sempre por ti o dia inteiro,

“Quando na praia sobe, de cinza e oiro ,

O nevoeiro”

“E há em todas as coisas o agoiro”

“ de uma fantástica vinda” -

Manter as tuas pegadas na areia do tempo.

Conseguiremos?

Ou nos resignamos ou combatemos.

É preciso saber arriscar na vida.

Como tu costumavas dizer.

Ericeira, 16.04.11

Maria José Morgado